

As esquerdas argentinas diante da luta armada (1967-1969)¹

Martín Mangiantini²

Apesar de que seja um lugar comum (nos estudos sobre o período) estabelecer um vínculo direto entre o impacto da Revolução Cubana e o surgimento na América Latina de organizações simultaneamente políticas e militares, no caso argentino, experiências dessa natureza foram efêmeras e carentes de solidez. O fenômeno da guerrilha, tanto rural quando urbana, teve expressões isoladas nos anos sessenta. Na mesma lógica, no campo das esquerdas argentinas, não se produziram debates notáveis nem rupturas de peso cujo eixo de discussão fosse a violência política ou a transformação de organizações em entidades político-militares. Posteriormente, embora o clima político internacional do final dos anos sessenta, marcado pelo Maio Francês, pelas revoltas de Praga, pelas rebeliões estudantis no México ou no Japão, entre outros exemplos, tenha gerado um impacto perceptível no interior das esquerdas, tais eventos não chegaram a constituir-se como combustível determinante para os debates estratégicos realizados dentro das organizações ou entre elas. Neste artigo, argumenta-se que, na realidade, o fator que deu lugar a uma série de discussões e redefinições dentro da esquerda argentina foi o contexto político local que emergiu a partir 1966.

O golpe de Estado daquele ano, liderado por Juan Carlos Onganía, pretendeu colocar em prática um projeto de longo prazo que combinasse álgidos instrumentos repressivos, pautas culturais e normativas de conduta da sociedade com uma nova matriz econômica. O tipo de construção político-institucional forjada nesse processo foi caracterizada como a conformação de um Estado burocrático-autoritário tendente a alcançar uma modernização capitalista baseada no crescimento de uma burguesia monopólica através do disciplinamento dos demais atores sociais que, até esse momento, haviam conseguido obstaculizar sua consolidação. O golpe se demonstrou propício para a modificação do modelo de acumulação capitalista, convertendo as Forças Armadas em um instrumento de uma burguesia ligada ao capital transnacional³.

Entre 1966 e 1967, assistiu-se a uma ofensiva governamental contra a classe trabalhadora através de políticas como a racionalização empresarial, o aumento da arrecadação impositiva, o aumento das tarifas de serviços e a redução do número de funcionários públicos e empresas estatais. O incremento da produtividade do trabalho, o congelamento salarial, a desvalorização da moeda e a suspensão dos

¹ Traduzido do espanhol por Lucas Duarte.

² Doutor em História, professor da Universidad Nacional de Buenos Aires.

³ CAVAROZZI, Marcel. *Autoritarismo y democracia (1955-1996)*. Buenos Aires: Ariel, 2006; DE RIZ, Liliana. *La política en suspenso, 1966 - 1976*. Buenos Aires: Paidós, 2000; O'DONNELL, Guillermo. *El estado burocrático autoritario. Triunfos, derrotas y crisis*. Buenos Aires: Editorial de Belgrano, 1982; PORTANTIERO, Juan Carlos. "Economía y política en la crisis argentina (1958-1973)", en ANSALDI, Waldo y MORENO, José Luís (comps.). *Estado y sociedad en el pensamiento nacional*. Buenos Aires: Cántaro, 1996, pp. 301-346; ROUQUIÉ, Alain. *Poder militar y sociedad política en la Argentina II*. Buenos Aires: Hyspamérica, 1986.

convênios coletivos foram as expressões mais contundentes desse processo. Tal modelo trouxe consigo a perda de numerosas fontes de trabalho e a imposição de adversas condições laborais a partir de critérios de racionalidade concomitantes a uma repressão sistematizada⁴. Sustentamos que foi este processo político, econômico e social o que, essencialmente, produziu dentro das esquerdas um clima de debate onde a luta armada e a violência política se converteram em tópicos habituais de discussão ante a presença de um governo que se pressagiava duradouro e cuja política repressiva repercutia no movimento social e em suas conquistas preexistentes.

Referir-se às esquerdas na realidade argentina dos anos sessenta e setenta não é uma tarefa simples no que diz respeito aos critérios escolhidos para justificar a inclusão de determinados grupos em detrimento de outros. Neste trabalho se irão privilegiar duas trajetórias, a do trotskismo e do maoísmo, partindo da premissa de que se trata de expressões que estiveram atravessadas pelas polêmicas que iremos abordar.

Dentro do primeiro grupo, se analisam as três expressões mais importantes do trotskismo de então: o *Partido Revolucionario de los Trabajadores* (PRT), logo transformado em PRT- *La Verdad* (PRT-LV), continuador de uma corrente reconhecível desde os anos 40 sob a direção de Nahuel Moreno⁵; *Política Obrera* (PO), sigla conformada em 1964, como deriva do grupo *Praxis*⁶ e o *Partido Obrero Revolucionario – (Trotskista) – POR* (T) -, dirigido por Homero Cristalli (conhecido sob o pseudônimo de J. Posadas e, por essa razão, pela difusão do *posadismo*)⁷. Simultaneamente, se incluem os posicionamentos do *Partido Revolucionario de los Trabajadores – El Combatiente* (PRT-EC), vertente originada da ruptura do PRT de 1968, convertida em uma das mais importantes organizações político-militares que, paulatinamente, deixou para trás sua anterior identidade trotskista⁸. Além disso, se abordam outras duas organizações: a que, surgida em 1967 como fratura centralmente estudantil do Partido Comunista, adotou inicialmente a denominação de PC-CNRR (*Comité Nacional de Recuperación Revolucionaria*), para um ano depois assumir seu nome definitivo de *Partido Comunista Revolucionario* (PCR), convertendo-se tempo

⁴ PERALTA RAMOS, Mónica. *La economía política argentina: poder y clases sociales (1930-2006)*. Bs. As.: FCE, 2007; RAPOPORT, Mario. *Historia económica, política y social de la Argentina (1880-2000)*. Buenos Aires: Ediciones Macchi, 2000; O'DONNELL, op. cit.

⁵ GONZÁLEZ, Ernesto (Coord.). *El trotskismo obrero e internacionalista en la Argentina*. Tomo 3: Palabra Obrera, el PRT y la Revolución Cubana. Volumen 2 (1963-1969). Buenos Aires: Antídoto; 1999; MANGIANTINI, Martín. *Itinerarios Militantes. Del Partido Revolucionario de los Trabajadores al Partido Socialista de los Trabajadores (1965-1976)*. Buenos Aires: Colección Archivos/Imago Mundi, 2018.

⁶ COGGIOLA, Osvaldo. *Historia del trotskismo en Argentina y América Latina*. Buenos Aires: Ediciones RyR, 2006.

⁷ ALMEYRA, Guillermo. *Militante crítico. Una vida de lucha sin concesiones*. Buenos Aires: Continente, 2013; TARCUS, Horacio. *Diccionario biográfico de la izquierda argentina*. Buenos Aires: Emecé, 2007.

⁸ CARNOVALE, Vera. *Los combatientes*. Historia del PRT-ERP. Buenos Aires: Siglo XXI, 2011; POZZI, Pablo. *Por las sendas argentinas. El PRT-ERP, la guerrilla marxista*. Buenos Aires: Imago Mundi, 2004; WEISZ, Eduardo. *El PRT-ERP. Claves para una interpretación de su singularidad*. *Marxismo, Internacionalismo y Clasismo*. Buenos Aires: CCC, 2006.

depois ao maoísmo⁹; e *Vanguardia Comunista* (VC), formada em 1965 como um “partido marxista-leninista” que, nos marcos da polêmica sino-soviética, se definiu a favor dos princípios de Mao Tse Tung e buscou a aplicação dos mesmos à realidade argentina¹⁰.

Para este trabalho, se irá priorizar como insumo documental a voz pública de cada uma dessas organizações através de suas respectivas publicações periódicas, complementado a análise com documentação interna pertinente a esses debates.

O trotskismo diante da luta armada

A ruptura do PRT

Dentro do campo do trotskismo, a organização que experimentou com maior profundidade o debate ao redor da luta armada foi o *Partido Revolucionario de los Trabajadores*. Em 1965, esta organização foi criada como produto da fusão de duas correntes assimétricas e divergentes. Por um lado, o *Frente Indoamericanista Popular* (FRIP), fundado em 1961 e dirigido pelos irmãos Santucho (Mario Roberto, Francisco René e Oscar Asdrúbal). Nascido com posições de raiz indigenista, rapidamente ampliou sua concepção acerca do sujeito social sobre o qual desenvolver sua atuação, propondo-se a articulação com o movimento operário¹¹. Por outro lado, se encontrava a tendência trotskista *morenista* (denominação derivada do nome de seu principal dirigente Nahuel Moreno) que, na busca de confluência com outras vertentes (nos marcos de ressignificações doutrinárias), fundiu-se com o FRIP.

No entanto, transcorridos dois anos, diversos debates subsumiram o PRT em uma série de lutas intestinas que resultaram na conformação de frações e, finalmente, na ruptura da organização em 1968. Esta discussão respondeu centralmente a um contexto local de certo retrocesso do movimento operário com derrotas de envergadura (como da greve portuária e o fechamento de engenhos açucareiros). Como parte dos debates, entre maio e agosto de 1967, produziu-se dentro do Comité Central do partido uma polêmica sustentada entre o próprio Moreno e o dirigente de Rosario, Juan Candela (pseudônimo de Helios Prieto), relacionada ao tipo de participação e inserção que, nesse contexto, uma organização revolucionária deveria forjar nos organismos da classe trabalhadora.

O ponto de partida recaiu na caracterização de uma etapa marcada pelo retrocesso da classe operária diante de uma relativa estabilização da ditadura. A partir

⁹ CALIFA, Juan S. “Del Partido Comunista al Partido Comunista Comité Nacional de Recuperación Revolucionaria en la Argentina de los años sesenta. Una escisión con marca universitaria”, en: *Izquierdas*, nº 24, Santiago de Chile, 2015, p. 173-204; RUPAR, Brenda. *La emergencia del maoísmo en Argentina: una aproximación a través de Vanguardia Comunista y el Partido Comunista Revolucionario*. Tese de Doutorado., Universidade Federal Fluminense, 2016.

¹⁰ CELENTANO, Adrián. “Maoísmo y nueva izquierda. La formación de Vanguardia Comunista y el problema de la construcción del partido revolucionario entre 1969 y 1969”, en: TORTTI, María Cristina (directora). *La nueva izquierda argentina (1955-1976). Socialismo, peronismo y revolución*. Rosario: Prohistoria, 2014, p. 83-109; SOTO, Américo. *Vidas y Luchas de Vanguardia Comunista*, Tomo I, Buenos Aires: Nuevos Tiempos, 2004

¹¹ Pozzi, op. Cit., Carnovale, op. cit.

desta percepção, analisou-se sua improvável radicalização mediante greves gerais dos grêmios mais importantes argumentando que a recuperação dos trabalhadores recairia na reorganização de seus organismos tradicionais. Vislumbrou-se um contexto de lutas parciais contra uma burguesia que, em concordância com o projeto estatal, se propôs a reverter as grandes conquistas laborais e organizativas, entre as quais as mais temidas eram os *corpos de delegados* e as *comissões internas*¹² e, por isso, a principal palavra de ordem da etapa referia-se à defesa destes organismos, assim como dos sindicatos e da *Confederación General del Trabajo* (CGT), de todo tipo de ataque¹³. A esta colocação, Candela respondeu sustentado que esses organismos gozavam de um caráter escassamente combativo e classista, razão pela qual a recuperação da classe trabalhadora não recairia em uma atuação em seu interior, mas sim que viria atrelada a novas formas de organização e flamantes métodos de luta. Caso contrário, os trabalhadores permaneceriam sujeitos a um sindicalismo reformista que os levaria a uma sucessão de derrotas. Por isso, a classe operária devia, por um lado, recuperar-se através da resistência armada e, por outro, criar novos organismos tais como comissões de resistência e sindicatos revolucionários que superassem aos já tradicionais corpos de delegados ou comissões internas dado que, se o enfrentamento ao regime se produziria a partir de métodos armados, deveriam gestar-se consequentemente os organismos necessários que efetuassem essas ações¹⁴.

Moreno respondeu que a humanidade avançava de modo contraditório combinando organismos, métodos, atividades e relações de produção desigualmente desenvolvidas. Assim sendo, organismos velhos da classe trabalhadora poderiam aplicar métodos e objetivos novos e vice-versa. Por outro lado, asseverou que a equiparação dos organismos existentes com uma metodologia indefectivelmente reformista se convertia num erro que omitia o fato de que estas estruturas surgiram, justamente, como produto da luta de classes. Por isso, o papel de uma organização revolucionária consistia em sua inserção nas diversas expressões organizativas da classe. Na prática, se os trabalhadores apelavam a métodos pacíficos, um partido revolucionário deveria apoiar essa posição insistindo na necessidade de preparar-se para uma fase mais álgida na que se incorporassem metodologias tais como os piquetes armados. Ou seja, os novos métodos deviam desenvolver-se como parte da conflitualidade e da experiência dos próprios trabalhadores e não a partir da construção de organismos por fora de suas ações¹⁵.

¹² N.T. – Os Delegados, corpos de delegados e comissões internas são instâncias de representação dos trabalhadores no interior de seus locais de trabalho. Em geral, cobram importância na medida em que possibilitam uma articulação laboral mais direta entre os trabalhadores e seus representantes imediatos, extrapolando, em certo sentido, a vinculação específica de cada setor aos sindicatos e às centrais sindicais. Para um estudo pormenorizado de sua constituição e seu significado histórico, ver o texto de BASUALDO, Victoria. *Los delegados y las comisiones internas en la historia argentina*, IN: AZPIAZU, Daniel, BASUALDO, Victoria & SCHORR, Martín. *La Industria y el sindicalismo de base en Argentina*. Buenos Aires: Atuel, 2010, 160p.

¹³ “Tesis sobre situación nacional”, Comitê Central do PRT, mayo de 1967; “Una tendencia ultraizquierdista” [Nahuel Moreno], CC del PRT, agosto de 1967

¹⁴ “Proyecto de anexo acerca de las modificaciones propuestas a las tesis nacionales” [Juan Candela], CC do PRT, agosto de 1967.

¹⁵ “Una tendencia ultraizquierdista”, CC del PRT, agosto de 1967 [Nahuel Moreno]

Como se percebe, as diferenças dentro do PRT não estiveram circunscritas a um debate abstrato sobre a viabilidade da luta armada, mas sim sobre o modo concreto como foram colocadas em prática. De forma subsidiária, uma temática de fundo se referiu ao tipo de estrutura política a construir para a obtenção do triunfo revolucionário. A dicotomia se estabeleceu entre a constituição de um aparato político-militar, ou bem, de um partido com inserção nos organismos de decisão e deliberação forjados pela classe operária. Para a tendência encabeçada por Moreno, a hipotética conformação de uma guerrilha não deveria supor uma orientação estratégica, em si, que terminasse por subordinar o objetivo de construção partidária. Em sua aplicação à realidade argentina no momento de efetivar-se a ruptura do PRT, este dirigente defendeu a necessidade de que os próprios sindicatos impulsionassem suas organizações armadas como um elemento a aplicar no marco de uma greve geral insurrecional. Contrariamente, o lançamento de uma estratégia armada por parte de um partido isolado era, desde esta análise, uma ação suicida¹⁶.

Em claro antagonismo, manifestou-se fortemente uma tendência que postulava a necessidade de o partido se preparar adequadamente para o início de tarefas do tipo militar. Essa expressão se materializou, imediatamente após a ruptura, em um documento preparado por Mario Roberto Santucho, Oscar Prada e Helios Prieto, sob o título de *El único camino hasta el poder obrero y el socialismo*. Este setor não negou a necessidade de construir um partido leninista que cumprisse o papel de direção política. A diferença substancial radicava na necessidade de gestar um exército revolucionário que atuasse como um braço armado nos marcos de um processo revolucionário identificado com a "guerra civil prolongada"¹⁷.

Simultaneamente, como justificativa teórica, esse núcleo dirigente analisou a história das ideias revolucionárias, considerando o *castrismo* como a síntese do conjunto de teóricos pré-existentes (de Marx a Lenin, passando por Trotsky e Mao), concluindo finalmente que a tática fundamental para os processos revolucionários latino-americanos era a construção de exércitos guerrilheiros (gestados de acordo com as características de cada espaço e região) como atores-chave no contexto de uma guerra popular prolongada. De acordo com essa perspectiva, a guerrilha se converteria no embrião do exército de libertação e no ator que iniciaria a luta revolucionária nos diversos países. Tudo isso devia concretizar-se sobre a base da unidade político-militar da direção revolucionária, razão pela qual a construção de um partido e de um exército se tornavam tarefas a serem resolvidas de modo simultâneo. Nas palavras da organização "a política e o fuzil não podem ir separados"¹⁸. Não surpreende que os autores deste documento tenham criticado no *morenismo* a ausência de uma estratégia militar e a ideia de uma insurreição dirigida a partir das organizações sindicais. Para Santucho, sem um partido armado, a luta de

¹⁶ "La Revolución Latinoamericana, Argentina y nuestras tareas" [N. Moreno], IV Congreso Nacional del PRT, 1968

¹⁷ RAMÍREZ, DOMEQ y CANDELA [Sanucho, Mario, Prada, Oscar y Prieto, Helios]. *El único camino hasta el poder obrero y el socialismo*. Buenos Aires: Ediciones Combate, 1969.

¹⁸ Idem.

classes era inviável e deixava aberta apenas a possibilidade de desenvolver conflitos econômicos e sindicais¹⁹.

O *Cordobazo*²⁰, ocorrido em maio de 1969, foi um divisor de águas para toda a esquerda argentina. Foi o início de uma crise de dominação que trouxe consigo uma mobilização autônoma da sociedade superadora de seus mediadores naturais. O período aberto foi configurado pela intensificação da luta de amplas camadas da classe trabalhadora, a radicalização ideológica e uma crise institucional que viu todas as estratégias de superação fracassarem. No caso do PRT - EC, sua trajetória posterior a maio de 1969 serviu como reafirmação de premissas. Assim, teve destaque o papel desempenhado pela organização na educação das vanguardas mobilizadas para que, a partir dos problemas mínimos, começasse a praticar o exercício da violência organizada e da luta armada. A organização caracterizou como um dos aspectos mais positivos do *Cordobazo* a consagração da violência como uma forma de luta legítima e inevitável por parte de setores cada vez mais amplos que simpatizavam com as ações realizadas²¹. Sob esses pressupostos, acelerou os tempos de formação de um exército revolucionário e, após a realização do seu V Congresso em 1970, formalizou essa linha com a criação do *Ejército Revolucionario del Pueblo* (ERP), uma ferramenta subsidiária do partido que possibilitasse a preparação e o início da guerra revolucionária²².

O PRT-EC alertou contra toda ilusão sobre a espontaneidade das massas e o caminho insurrecional para tomar o poder. Rejeitou a ideia de que as mobilizações estivessem separadas da necessidade de criar um exército revolucionário e assegurou que, mesmo que a explosão de maio tivesse um caráter insurrecional consciente, suas chances de sucesso teriam sido limitadas pela ausência de um partido que atuasse como direção política e de um exército revolucionário capaz de derrotar as forças militares do capitalismo. A tarefa central que estava se aproximando não era a expectativa para a chegada de novas irrupções insurrecionais, mas a construção desse insumo militar que permitisse a tomada do poder e cuja falta em Córdoba havia sido a causa da fraqueza e dos limites do processo. Tratava-se de preparar a guerra revolucionária em resposta às necessidades da luta de classes²³.

Seu antigo aliado, enquadrado no PRT-LV, exprimiu-se publicamente sobre as ações armadas como uma forma de luta por meio de um artigo no qual afirmava

¹⁹ “Nuestras diferencias con la camarilla rupturista”, en: *El Combatiente*. [EC], Año 1, N° 2, 15-03-1968.

²⁰ N.T. O *Cordobazo* foi uma importante insurreição operário-estudantil que teve lugar na cidade de Córdoba, em maio de 1969. Um balanço dos acontecimentos envolvidos no ciclo de protestos do qual fez parte o *Cordobazo* foi publicado em razão do aniversário de 50 anos dessas mobilizações em GORDILLO, Mónica (org). 1969. *A cincuenta años: repensando el ciclo de protestas*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Córdoba: Universidad de Nacional de Córdoba (UNC), 2019.

²¹ “1969: Saldo favorable”, en: *EC*, Año II, N° 41, 23-12-1969, pp. 5-10.

²² “La guerra en marcha”, en: *EC*, Año III, N° 46, 15-08-1969 [erro no original, o correto é 1970]; “Proclama del ERP”, en: *EC*, N° 53, 2° Quincena marzo de 1970, p. 8. [La data real es 1971, errada na edição original].

²³ “Resistencia activa a la dictadura de los monopolios” en: *EC*. Año II, N° 30, 11-06-1969, pp. 8-9; “Las movilizaciones populares en todo el país dijeron: Abajo la dictadura de los monopolios”, en: *EC*. Año II, N° 30, 11-06-1969, pp. 3-7.

que uma organização revolucionária não deveria se opor a nenhum método de luta em particular, desde que estes colaborassem com a elevação da consciência política dos trabalhadores e, por essa razão, caracterizou-se a ineficácia das "ações terroristas" desvinculadas da luta de classes para alcançar esse objetivo²⁴. Paulatinamente, nos seus órgãos de imprensa semanais, foram analisadas várias ações armadas nas quais a guerrilha era caracterizada como uma expressão da ascensão das massas exploradas e, como tal, merecedoras de necessária defesa ante a repressão, mas, ao mesmo tempo, como um modo de ação isolado e, portanto, incorreto. Por outro lado, vislumbrava-se como um perigo que essas ações gerassem entre os trabalhadores a ilusão de que seu triunfo seria factível de alcançar pela intervenção de um grupo armado e não pela mobilização popular²⁵.

Política Obrera e a questão da luta armada

No final de 1963, se conformou *Política Obrera*. Sua aparição acarretou a preocupação em se posicionar nessas controvérsias contra a chamada "teoria do foco". A nova organização entendeu que o foquismo envolvia um culto à espontaneidade das massas, negando tanto a necessidade do partido quanto o papel do proletariado como classe dominante da revolução. Em contrapartida, o partido não deveria ser um mero aparato encarregado da técnica insurrecional, mas um orientador, organizador e fator consciente que deve criar e implementar as condições para a insurreição armada. A partir de então, as críticas não apontaram para o uso da violência, mas para o menosprezo pela conquista política das massas. Para PO, o desenvolvimento unilateral da luta guerrilheira fora das organizações de massa deixava a iniciativa nesse campo decisivo nas mãos dos aparelhos que se devia combater. Em sua perspectiva, a classe trabalhadora não sofria uma crise metodológica, mas de direção. Por causa disso, o foquismo supunha a importação de métodos próprios da pequena burguesia concebidos como complementares à luta puramente sindical.²⁶

Ao analisar experiências armadas específicas do continente, essa organização distinguiu as organizações guerrilheiras de acordo com sua política. No caso do Peru, por exemplo, considerou que as lutas da classe operária e camponesa não passavam pelas guerrilhas, discordando delas por seu programa e métodos²⁷. Pelo contrário, apoiou decididamente o MR 13 da Guatemala, valorizando positivamente "seus laços efetivos com as massas", o que ia acompanhado por uma independência

²⁴ "Terrorismo y lucha de clases", en: *La Verdad* [LV], N° 205, Del 19 al 26 de noviembre de 1969, p. 7.

²⁵ "Terrorismo o movilización de masas", en: LV, N° 212, 30-03-1970, pp. 1-2; "¿Guerrilla urbana o lucha de masas?", en: LV, N° 229, 04-08-1970, pp. 1-2; "Ni freno de Perón, ni acciones guerrilleras aisladas: Plan de lucha y Polo Socialista", en: *Avanzada Socialista*, Año I, N° 5, 29-03-1972, pp. 1-2.

²⁶ "Foco insurreccional o partido revolucionario [editorial]", en *Política Obrera* [PO], Año I, N° 1, marzo de 1964; "En defensa de la OLAS", en: PO, N° 23, 14-12-1967; "Alba: positiva lección para reformistas y 'putchistas'", en: PO, N° 29, 22-04-1968.

²⁷ Perú: otra vez las guerrillas", en PO, suplemento periódico n° 4, octubre-noviembre de 1965

política em relação ao *castrismo*²⁸. Ao tomar conhecimento do surgimento da guerrilha na Bolívia, a reação do PO foi também favorável. De fato, reproduziu em sua imprensa uma declaração filo-foquista do *POR-González Moscoso*. No entanto, a conclusão da declaração era que a maior ajuda que poderia dar-se à guerrilha era impulsionar as lutas de mineiros, operários e massas urbanas, reorganizar os sindicatos e formar neles comitês e milícias armadas²⁹. Na mesma sintonia, ele viu com bons olhos certas ações levadas a cabo pela guerrilha uruguaia Tupamaros e reivindicou a gestação de piquetes e grupos armados, enfatizando que o fundamental era definir a serviço de que política se colocavam. No entanto, polemizou com a guerrilha urbana uruguaia, onde identificou a persistência de concepções que omitiam a necessidade de um programa concreto para o movimento de massas³⁰. No contexto argentino, como participante do movimento popular de resistência à ditadura, o PO impulsionou a formação de comitês de autodefesa e organizou sua própria preparação de molotovs para piquetes ou manifestações³¹. Mais notável foi o impacto gerado em *Política Obrera* pelo lançamento da *Organización Latinoamericana de Solidaridad* (OLAS) pelo governo cubano. O partido argumentou que, pela primeira vez desde a "degeneração stalinista" da Terceira Internacional, um movimento com influência de massas se aproximava em grande medida da tese trotskista da revolução permanente, embora simultaneamente argumentasse que enfrentava várias contradições em seu programa e entre este e os comitês nacionais de muitos países³².

O *posadismo* e a violência política

Embora os debates internos em torno da luta armada pareçam haver estado ausentes (ou, de certa forma, ignorados) dentro do POR (T), esse partido também elaborou reflexões sobre o tema. Em primeiro lugar, reafirmou que os guerrilheiros eram a expressão de uma pequenoburguesia infantil e aventureira, que não conhecia o programa das massas e as tendências presentes na classe operária. Para o *posadismo*, isso não significava invalidar as guerrilhas como um elemento da luta de massas, mas estas deveriam ser somente um complemento das grandes concentrações, das ocupações das fábricas e da greve geral submetendo-se a esse repertório. Posadas enfatizou que as guerrilhas cumpriram um papel importante no curso das revoluções nos países coloniais, onde o peso do campesinato era transcendente e as grandes concentrações de operários estavam ausentes, assim como a existência de uma liderança marxista. No entanto, em países como a Argentina, onde o peso do proletariado era fundamental, com poderosas organizações sindicais centralizadas e programas de luta, impulsionar uma revolução a partir da premissa de

²⁸ "La real importancia de la guerrilla guatemalteca", en: *PO, suplemento periódico* N° 3, agosto-septiembre de 1965; "Declaración del M.R. 13 de Noviembre guatemalteco al cumplir su quinto aniversario", en: *PO, suplemento periódico*, N° 5, enero-febrero de 1966; "La lucha de las guerrillas del MR13 de Guatemala", en: *PO*, N° 28, 25-03-1968

²⁹ "El P.O.R. boliviano y la guerrilla" [Hugo González Moscoso], en: *PO*, N° 18, 19-07-1967

³⁰ "Uruguay I. Las masas uruguayas, empantanadas por su dirección", en: *PO*, N° 35, 02-09-1968; "Uruguay II. Tupamaros: acción directa no es preparar la insurrección", en: *PO*, N° 35, 02-09-1968.

³¹ "Parar el malón policiaco-militar", en: *PO*, N° 32, 01-07-1968; "Comités de resistencia obreros y estudiantiles", en: *PO*, N° 33, 15-07-1968

³² "La Conferencia de la OLAS", en: *PO*, N° 20, 8-09-1967; "En defensa de la OLAS", en: *PO*, N° 23, 14-12-1967.

construção de um grupo guerrilheiro supunha uma desconfiança em relação às massas e a incompreensão de um processo revolucionário que deveria ter como tarefa central a liquidação das direções burocráticas das entidades sindicais e a construção de uma nova direção. Na mesma linha, asseverava-se que o proletariado, para além de sentir simpatia, percebia o guerrilheirismo como um anacronismo, dado que seus métodos de luta eram inferiores aos de sua classe³³.

Para Posadas, a luta anticapitalista em alguns países poderia iniciar-se por intermédio da guerrilha, mas, se esta não fosse capaz de incorporar e mobilizar a população, acabaria por degenerar-se, perdendo peso e capacidade de ação. Afirmou-se que as guerrilhas eram um instrumento de luta acessório de combate ao capitalismo, mas, ao mesmo tempo, inferior a outros métodos de maior importância, como as milícias operárias ou a greve geral. O *posadismo* caracterizou, ao mesmo tempo, que o terrorismo era ineficaz como método de derrocamento do regime, uma vez que o enfrentamento ao capitalismo não consistia na eliminação física de determinadas pessoas, mas em danificar toda uma estrutura por meio de instâncias superadoras como a greve geral³⁴.

Após o golpe de 1966, essa corrente reconstruiu suas percepções a respeito das organizações guerrilheiras. Embora tenha mantido a caracterização de que se tratava de uma forma atrasada de luta de classes, apresentou algumas nuances de maior benevolência. Afirmou que era inconcebível um processo revolucionário sem o estímulo das guerrilhas e que, embora seu ponto de partida fossem as ações militares e a fissuração do aparato repressivo, seu desafio consistia em forjar o apoio da população explorada (e não se posicionar acima dela) intervindo na vida política através de manifestações, comícios, ocupação de terras, reuniões clandestinas ou públicas, organizando milícias e, acima de tudo, vinculando-se aos sindicatos. Por outro lado, as guerrilhas deviam estabelecer objetivos e prazos concretos para evitar o risco de sua dissolução, como, por exemplo, a ocupação de uma fábrica com tomada de reféns e a organização de seu funcionamento por parte dos próprios trabalhadores com a realização de cursos sobre sua organização. Desse modo, seu papel seria a busca da união da ação sindical com a política, bem como a gestação de órgãos de duplo poder em substituição às entidades capitalistas³⁵.

A principal expressão da percepção divergente em torno de determinadas experiências armadas foi desenvolvida pelo *posadismo* na Guatemala. Os laços com o MR 13 levaram o POR (T) à reprodução de suas posições e declarações sem nenhum distanciamento. O assassinato de dirigentes desta organização vinculados à seção mexicana do POR (T) foi caracterizado como uma ação planejada do comunismo local, em sintonia com a direção do governo cubano, para impedir a transformação dessa guerrilha em um partido revolucionário³⁶. Esses anos marcaram

³³ “La lección de las guerrillas en el Norte”, en: *Voz Proletaria [VP]*, Año XVI, N° 332, 08-04-1964; “Perspectivas del plan de lucha y la lucha por una dirección revolucionaria”, en: *VP*, Año XVI, N° 338, 20-05-1963.

³⁴ “Séptimo Congreso Mundial de la IV Internacional”, en: *VP*, Año XVI, N° 337, 13-05-1964.

³⁵ La función de las guerrillas en la lucha por el poder obrero”, en: *VP*, Año XVIII, N° 433, 16-03-1966.

³⁶ “Yon Sosa reafirma la lucha por el programa y la política de la IV Internacional”, en: *VP*, Año XVIII, N° 454, 12-08-1966; “El imperialismo y el “Spartacist” unidos contra el trotskismo”, en:

uma ruptura dessa corrente com a liderança *castrista*. Os militantes da seção cubana do POR sustentaram, desde 1962, que as posições de Che Guevara expressavam uma "ala esquerda" da revolução, em oposição à "direita" proveniente do stalinismo. Mas a ruptura definitiva produziu-se quando, diante da morte de Guevara na Bolívia, o *posadismo* afirmou que se tratava de uma farsa do *castrismo* sendo, na realidade, a liquidação das dissidências internas de acordo com a adoção da tese da coexistência pacífica e uma tentativa de detenção do curso da revolução mundial ante a embrionária construção (de fato) de uma frente objetiva entre o guevarismo e o trotskismo³⁷.

O maoísmo e a luta armada

Como foi mencionado, o Partido Comunista Revolucionário foi uma organização proveniente de uma ruptura juvenil do PC que, paulatinamente, aderiu à doutrina maoísta. Este partido caracterizou a Argentina como um país capitalista deformado por reminiscências pré-capitalistas subsistentes no campo. No entanto, sustentou que a via para o triunfo revolucionário seria a insurreição armada apoiada por todo o povo, mas cujo papel de liderança recairia sobre a classe operária. Esta deveria dominar todas as formas de luta e saber combiná-las ou passar de uma a outra de acordo com as circunstâncias. O PCR diferia tanto da tendência de "foquista", por negar o papel de um partido revolucionário quanto do método da Guerra Popular Prolongada, identificada como uma variante acorde com as realidades em que o campesinato era o sujeito fundamental e, com este, a possibilidade de instaurar um poder revolucionário nas zonas liberadas para, a partir daí, avançar para as cidades³⁸.

Por trás dessas posturas se ocultavam as tensões intestinas que o *Cordobazo* acabou por resolver, dado que permitiu reorientar certos posicionamentos contraditórios. Três posições divergentes coexistiram dentro da PCR. Uma corrente insurrecionista privilegiava a construção partidária, o desenvolvimento de frentes de massa, a realização de propaganda não-armada e a preocupação com a questão militar sujeita ao início de uma insurreição encabeçada pela classe operária; uma segunda linha defendia o insurreccionismo, mas não desconsiderava as ações de propaganda armada como incentivo à consciência revolucionária; e, finalmente, uma tendência vinculada ao paradigma subsidiário da Revolução Cubana que vislumbrava a necessidade de intervenção armada antes da insurreição³⁹. Depois do *Cordobazo*, destacaram como aspecto positivo que as massas incorporassem à sua luta ações violentas contra a ditadura, mas sustentaram a necessidade de que essas se inserissem na perspectiva da insurreição armada de todo o povo. A partir deste enfoque, o

VP, Año XIX, N° 477, 18-03-1967; "El 13 de Noviembre, la IV Internacional, los comandantes y el desarrollo de la revolución en Guatemala", en: VP, Año XXI, N° 546, 22-08-1968.

³⁷ "Las declaraciones de Fidel Castro sobre la muerte del supuesto Guevara son falsas y alientan al imperialismo...", en: VP, Año XX, N° 501, 18-10-1967, pp. 9-10 y 16; "La puesta en escena de este segundo acto de La farsa macabra de la supuesta muerte de Guevara en Bolivia...", en: VP, Año XXI, N° 540, 18-07-1968.

³⁸ "Tesis para el XIII Congreso", PC(CNRR), Buenos Aires, noviembre de 1968 (PCR, 2005).

³⁹ LISSANDRELLO, Guido. "El Partido Comunista Revolucionario (PCR) y la discusión estratégica en los setenta (1967-1972)", en: *Actas X Jornadas de Sociología de la UBA*, 2013; - RUPAR, op. Cit.

processo de aberta conflitualidade poderia levar o movimento operário ao cansaço e ao desgaste e, portanto, resultava indispensável uma construção partidária que hegemonizasse a luta armada antiditatorial, preparando e encabeçando essa insurreição através da preparação militar própria e das massas⁴⁰.

Essa abordagem levou a PCR a discutir com o PRT - EC, ao sustentar que existia uma diferença entre o tipo de insurreição defendida e a noção de guerra prolongada de guerrilhas urbanas ou camponesas que, no fundo, ocultava uma divisão entre hegemonia proletária ou pequeno-burguesa da direção. Assim, o PCR procurava não provocar uma divisão entre trabalho político e o militar, atribuindo a expressões como a *santuchista* a responsabilidade pela postergação do engendramento de um partido revolucionário sob o pretexto da falta de um exército. Alertava para a importância do predomínio das questões políticas sobre as militares e para a necessidade de evitar o erro de passar para um estágio superior de primazia da luta armada dando lugar à exposição diante do inimigo⁴¹. Por sua vez, a tendência liderada por Santucho considerava que essa organização concebia a luta armada como uma perspectiva, mas questionava que ela fosse percebida como o culminar de uma insurreição popular dirigida por um partido revolucionário (ou, como a aplicação de métodos armados de defesa espontaneamente estabelecido pelos próprios operários), e não como parte de uma guerra prolongada com ações combinadas de guerrilha urbana e rural, que derrotassem o exército profissional e as instituições da burguesia, substituindo-as por organizações populares apoiadas pelo exército do povo⁴².

O aniversário de Cordobazo foi, para a PCR, a reafirmação da postura insurrecionista e de ponderação do proletariado. Isso não se deveu apenas ao balanço feito no final ao cumprir-se um ano do acontecimento, mas ao desenvolvimento de um conflito nessa mesma província na fábrica de Perdriel, na qual o partido teve um lugar de direção. Esse papel foi fundamental para sublinhar a importância de uma estratégia insurrecional e para encerrar as discussões internas. Nesse cenário, foi lançado um debate público com as *Fuerzas Armadas de Liberación* (FAL), uma organização armada que possuía militantes desprendidos do PCR. O grupo foi criticado por sua política voluntarista, consistente em desenvolver ações militares sem possuir inserção entre os setores mobilizados. O partido argumentava que o "terrorismo urbano" invertia a lógica: em vez de ganhar as massas para que elas desenvolvessem a guerra revolucionária, esta última era levada a cabo para que aquelas fossem espectadoras de um combate que não protagonizavam. Essa discussão foi sintetizada na palavra de ordem: "*Melhor um Perdriel do que cem sequestros*", que permitiu o fechamento de tensões internas⁴³.

As derivas da Vanguarda Comunista

Em suas tentativas de adaptar a teoria maoísta à realidade argentina, a *Vanguardia Comunista* esgrimiou uma tese que lhe permitia enfatizar as características feudais e de atraso do país, razão pela qual o processo revolucionário

⁴⁰ "Documentos aprobados por el Primer Congreso del Partido Comunista Revolucionario", Córdoba, 11 al 14 de diciembre de 1969 (PCR, 2005).

⁴¹ Idem.

⁴² "Carta al PCR", PRT, 20-08-1969

⁴³ IKA – Perdriel: un camino y un método, en: *Nueva Hora*, 1ra Quincena de Junio de 1970, N° 46, pp. 4-5; "Conferencia permanente del PCR", 15 y 16 de agosto de 1970 (PCR, 2005),

seria levado a cabo do campo às cidades. Em 1968, a organização caracterizou o país como "neocolonial e dependente do imperialismo", com predominância de relações capitalistas e subsistência de características pré-capitalistas. Isso dava origem a "zonas críticas" no interior, passíveis de serem utilizadas como elos frágeis, onde a dominação imperialista poderia cessar através da Guerra Popular Prolongada, cujo principal teatro de operações seria o campo. O dever do proletariado seria organizar e mobilizar os camponeses para concentrar as forças no ataque aos proprietários de terras e monopólios imperialistas⁴⁴.

Acontecido o Cordobazo, esse partido outorgou-lhe características espontâneas, por haver-se tratado de uma luta que transbordou a estrutura da mobilização sindical e mostrou a ausência de uma direção unificada. De acordo com sua análise, o processo começara como uma luta reivindicativa parcial, transformando-se em conflito contra a natureza repressiva da ditadura e, finalmente, em um combate contra a ditadura. Essa organização outorgou um significado à violência nas ruas, vislumbrando no ataque às propriedades um exemplo de maturidade, além de perceber como fraqueza a incapacidade de destruição o aparato repressivo⁴⁵.

Em certo sentido, também para *Vanguardia Comunista*, o processo cordobês teve um impacto em suas elaborações conceituais e definições. A tensão entre uma militância revolucionária com eixo no proletariado e a premissa de consolidar um trabalho no campo para em seguida sitiar a cidade era difícil de resolver. A busca por uma integração dessas alternativas teórico-práticas pretendia ser substanciada através de perspectivas como a adesão à ideia de Guerra Popular Prolongada, mas com preferência por aquelas áreas que tivessem como mão-de-obra operários rurais de cultivos como o açúcar, a madeira ou o tabaco.⁴⁶ Maio de 1969 provocou desconcerto na organização a ponto de atrasar a realização de seu primeiro congresso partidário, que finalmente teve lugar em 1971. Após o Cordobazo, surgiu uma autocrítica alegando que se havia sustentado a expectativa de um começo da guerra popular surgida da própria luta de classes. Como reorientação, o partido afirmava que o início da guerra seria produto de uma combinação entre a luta espontânea e as iniciativas do partido em seu papel de dirigente. Diferentemente do PRT-EC, sustentava que tais iniciativas não deveriam recair em "ações ousadas de agitação e terror" a modo de propaganda armada, pois isso significaria a substituição do trabalho de mobilização política e econômica das massas subestimando o partido como ideólogo e dirigente da luta⁴⁷.

Como reminiscência das caracterizações anteriormente vertidas, um ano depois, VC analisou que em cidades como Córdoba o proletariado era mais compacto e que as forças subjetivas da revolução tinham maior peso. Isso resultava na

⁴⁴ "Proyecto de Resolución sobre la Situación Nacional", VC, Octubre de 1968; "Resolución del CC de Vanguardia Comunista", *Cuadernos Rojos* N° 2, septiembre 1970.

⁴⁵ "Circular de la Dirección Nacional sobre la situación nacional y el trabajo partidario", VC, Septiembre de 1969; "Hay que seguir luchando", en: *No Transar*, N° 79 Extra, 06-06-1969, pp. 3-4; "Córdoba: el rumbo", en: *No Transar*, N° 79 Extra, 06-06-1969, pp. 5-6.

⁴⁶ SOTO, op. cit

⁴⁷ "Circular de la Dirección Nacional sobre la situación nacional y el trabajo partidario", VC, Septiembre de 1969.

concentração da vanguarda proletária e na necessidade partidária de privilegiar sua inserção nessas regiões. No entanto, recuperava a noção da presença de “zonas críticas” do capitalismo em províncias como Tucumán ou Chaco, nas quais os grupos dominantes (como a oligarquia ou os monopólios) não poderiam desviar ou atenuar a luta popular por meio de concessões, de modo que poderiam tornar-se elos frágeis na medida em que começasse uma organização do proletariado junto a uma maior presença de um partido revolucionário. Nessas regiões, a organização deveria concentrar suas forças com o intuito de forjar uma aliança operário-campesina que permitisse iniciar a Guerra Revolucionária⁴⁸. No entanto, a mudança gradual no posicionamento deste partido foi perceptível. Destacou-se a necessidade de construção do partido dentro de uma perspectiva de inserção na classe operária e, com essa premissa, em 1970, seu Comitê Central mudou-se para Córdoba para acompanhar de perto os eventos provinciais. Com o tempo, alcançou maior interferência nos conflitos de transcendência e produziu-se o abandono paulatino da ideia que sustentava que a revolução argentina teria o campo como base⁴⁹.

O presente trabalho deu conta do clima de ideias e do tipo de discussões forjadas nos espaços da esquerda partidária argentina em finais dos anos 60. Argumenta-se que os debates ao redor da luta armada e da violência política possuíam destaque nas análises e polêmicas sustentadas entre os partidos e no interior destes. No entanto, a hipótese que anima este trabalho defende que não foram o impacto da Revolução Cubana e o paradigma *guevarista* os responsáveis por este fluxo de posicionamentos, mas, em outro sentido, uma realidade local repressiva, de certo retrocesso do movimento operário, que instava a repensar e redefinir as estratégias de intervenção política. Neste cenário, o estalido do *Cordobazo* acabou por definir os esboços de posicionamentos preexistentes e terminou de asseverar o caminho a ser traçado por cada expressão política presente.

Artigo recebido em 17.8.2019

Aprovado em 30.9.2019

⁴⁸ “Resoluciones del Comité Central de Vanguardia Comunista publicadas en el Cuaderno Rojo N° 2”, Septiembre de 1970.

⁴⁹ RUPAR, Brenda (2017). “El rol de la Revolución Cultural China en el maoísmo argentino”, en: *Leste Vermelho*, Vol. 3, N° 1, pp. 355-375; SOTO, op. cit.